

Buscando Soluções Para a Crise do Agro: No guichê do banco ou no banco da escola?

Polan Lacki

Nos países da América Latina tradicionalmente a agricultura foi considerada de forma depreciativa como um setor arcaico que simbolizava o atraso e o subdesenvolvimento; em tais circunstâncias, quanto mais rápido a economia de cada país pudesse diminuir sua dependência do setor agrícola, tanto melhor. Pensava-se que país desenvolvido deveria ser sinônimo de país urbanizado, industrializado, prestador de serviços e exportador de bens manufaturados.

Agora que em vários países tal ilusão se desvaneceu e estão aparecendo as conseqüências deste grave erro, está-se reconhecendo que em muitos casos uma agricultura moderna e eficiente é a melhor e às vezes a única alternativa para começar a solucionar, a partir dela, os principais problemas nacionais, inclusive os de setor urbano-industrial.

No entanto, a agricultura que graças as suas imensas potencialidades, poderia ser a principal "locomotiva" do desenvolvimento não esta cumprindo de forma adequada esta importantíssima função. Isto ocorre porque devido ao histórico abandono do setor rural, os agricultores têm sido vítimas de crônicas ineficiências e distorções¹, que estão presentes dentro e fora das suas propriedades.

Devido fundamentalmente a estas ineficiências é que a grande maioria dos agricultores, além de gerar um excedente muito pequeno, de má qualidade e de obtê-lo com altos custos unitários de produção, o vende a preços muito baixos. A acumulação destas sucessivas distorções origina as seguintes conseqüências que incidem de forma negativa no desenvolvimento econômico e social dos países:

- Por falta de rentabilidade, os agricultores são expulsos às periferias urbanas. Nestas, seus filhos e netos desempregados, famintos e estimulados pelo consumismo caem na tentação do vício, da prostituição e da delinqüência. O campo os expulsa, porém a cidade não tem capacidade de absorvê-los. Esses jovens que desejariam, poderiam e deveriam proporcionar riquezas e serviços à sociedade **no campo**, constituem-se num ônus para ela **nas cidades**.
- Em virtude dos altos custos unitários de produção e do excessivo número de elos nas cadeias de intermediação os alimentos chegam a preços que estão acima do baixíssimo poder aquisitivo da grande maioria dos consumidores urbanos.

¹ Estas distorções ocorrem na etapa de produção propriamente dita; na obtenção e utilização dos insumos e equipamentos; na administração das propriedades; no transporte, conservação e armazenagem das colheitas; e finalmente no processamento industrial e na comercialização dos excedentes.

- Devido aos altos custos unitários de produção e a sua má qualidade, os excedentes agrícolas não contribuem a tornar viáveis e competitivas as agroindústrias nacionais, limitando sua capacidade de gerar empregos.
- Pelas mesmas razões mencionadas no item anterior, estes excedentes não têm competitividade nos mercados internacionais (principalmente quando enfrentam a competição de países que subsidiam fortemente aos seus agricultores) e, conseqüentemente, não geram as divisas que cada país necessita para equilibrar a sua balança comercial e dar solidez a sua economia.

Em resumo, a agricultura que, graças as suas enormes potencialidades como "geradora" de empregos, renda, alimentos, matérias-primas e divisas poderia e deveria ser a **grande solução** para os problemas dos desempregados, dos agricultores, dos consumidores, das agroindústrias e da economia global dos países, devido ao seu lamentável abandono constitui-se paradoxalmente em um **grande problema** para todos eles. É necessário revalorizar e elevar o status da agricultura para que ela recupere o papel, que nunca deveria haver perdido, como eficiente "solucionadora" dos grandes problemas nacionais.

Evitar causas com conhecimentos ou corrigir conseqüências com subsídios?

Durante muitos anos os governos tentaram compensar as distorções e ineficiências recém analisadas com subsídios; estes permitiam que o "negócio agrícola" fosse rentável, mesmo sendo ineficiente em alguns ou em todos os elos da cadeia agroalimentar (dentro e fora das propriedades). Adicionalmente, os governos tentaram corrigir as conseqüências urbanas do êxodo rural com paliativos de alto custo, porém de pouca eficácia; com tal fim, geraram fontes de trabalho, subsidiaram alimentos, construíram casas e outras obras de infraestrutura social; e infelizmente utilizaram no fortalecimento das estruturas urbanas de repressão policial os recursos públicos que deveriam ter sido destinados à modernização da agricultura.

A desproporção entre a **decrecente** oferta de subsídios e medidas de assistência social, por um lado e as **crecentes** demandas dos habitantes urbanos, por outro, está evidenciando que é virtualmente **impossível** satisfazer suas imensas e urgentes necessidades. Agora que já **não** existem recursos suficientes para adotar os **dois** paliativos anteriormente mencionados (subsídios e medidas de assistência social), resta apenas o caminho realista e pragmático de eliminar as **causas** do êxodo no campo, em vez de tentar, sem êxito, corrigir suas **conseqüências** nas cidades.

Entretanto, eliminar as causas do êxodo significa, **como condição mínima**, oferecer oportunidades concretas para que os agricultores possam ter rentabilidade e competitividade. Isto requer como **absolutamente imprescindível** que eles

possam fazer uma agricultura moderna e muito eficiente que lhes permita atingir **simultaneamente** os seguintes objetivos:

1. melhorar a qualidade dos produtos colhidos;
2. reduzir ao **mínimo** os custos unitários de produção (ao diminuir a quantidade e/ou o custo dos insumos e ao incrementar rendimentos por unidade de terra e de animal); e
3. incrementar ao **máximo** as receitas obtidas na venda de seus excedentes (diminuindo as perdas durante e depois da colheita, incorporando-lhes valor e reduzindo alguns elos das longas cadeias de intermediação).

Infelizmente, as novas circunstâncias da agricultura latino-americana (abertura a mercados subsidiados e falta de recursos para subsidiar aos nossos agricultores) estão **obrigando** a reconhecer que a **competitividade** somente poderá ser atingida se os agricultores adotarem as medidas mencionados nos itens 1 e 2. (e não como consequência de utópicas ações protecionistas). Igualmente, estas circunstâncias nos estão indicando que eles somente terão **rentabilidade** se adotarem as medidas indicadas nos itens 2 e 3 (e não como fruto de subsídios efêmeros e excludentes).

As boas intenções não produziram os resultados esperados

A imprescindibilidade de modernizar a agricultura, como **requisito** para que ela cumpra com o seu estratégico papel no desenvolvimento nacional é tão evidente e consensual, que praticamente todos os países da América Latina e o Caribe tentaram levá-la à prática, nos últimos 45 anos. Infelizmente, como regra geral, os resultados foram muito modestos para não dizer decepcionantes: os rendimentos médios da agricultura familiar avançaram muito lentamente; os agricultores continuam sendo expulsos do campo porque recebem preços muito baixos pelos seus excedentes, enquanto os consumidores continuam subalimentados, paradoxicamente porque devem pagar **por estes mesmos alimentos** preços muito altos; enfim, a agricultura, globalmente está longe de aportar tudo o que potencialmente poderia ao desenvolvimento dos países.

Muitos deles estão exportando cada vez menos produtos agrícolas e sim importando-os cada vez em maiores quantidades; estão desta forma produzindo perigosos déficits em suas balanças comerciais, importando desemprego, mantendo na ociosidade valiosos recursos produtivos e mudando para pior os hábitos alimentares de seus habitantes.

Ao analisar as causas dos referidos fracassos, é fácil constatar que nas iniciativas em favor do desenvolvimento agropecuário vêm se cometendo, durante décadas, os seguintes erros :

Primeiro erro: **Superestimar** a importância das macro-decisões políticas e econômicas que se esperava que fossem adotadas pelo Congresso Nacional,

Ministério da Fazenda ou o Banco Central e **subestimar** a importância das micro-decisões técnicas, gerenciais e organizativas que **deveriam** ser adotados dentro das propriedades e comunidades. Ignorou-se o fato de que as desejadas macrodecisões políticas não poderiam garantir a rentabilidade do negócio agrícola se, dentro das propriedades e das comunidades não existisse racionalidade e eficiência: no acesso aos insumos, na produção propriamente dita, na administração das propriedades, na transformação/conservação/armazenagem das colheitas e na comercialização dos excedentes.

Segundo erro: Promover a modernização da agricultura, através de um modelo **excessivamente** dependente de fatores externos às propriedades (decisões do governo, serviços do Estado, créditos, equipamentos de alto rendimento, subsídios, etc.); sem perceber que :

- Na média dos países desta Região, mesmo nos melhores tempos, somente 10% dos agricultores teve acesso a estes fatores de forma completa, permanente e eficiente; Foi ignorado o fato concreto de que estes fatores simplesmente não estavam disponíveis e/ou não eram acessíveis para a imensa maioria dos agricultores; e que
- os problemas tecnológicos e gerenciais da maioria dos agricultores são tão elementares (e também os erros que eles cometem e como consequência os baixíssimos rendimentos que obtêm em suas colheitas) que a sua solução não sempre nem necessariamente depende do aporte dos fatores escassos recém-mencionados.

Cometeu-se o gravíssimo erro de **não** priorizar a geração de tecnologias de **baixo custo** para que fossem adequadas às circunstâncias de escassez de capital e adversidade físico-produtiva, que caracterizam à grande maioria dos produtores agropecuários. Se a geração destas tecnologias tivesse sido priorizada os agricultores poderiam **começar** a tecnificar suas culturas e criações, **mesmo que não tivessem** acesso ao crédito. Enquanto no discurso político se falava de crescimento agropecuário com equidade, na prática cotidiana se adotava um modelo **convencional** de tecnificação que automaticamente excluía a mais de 90% dos produtores rurais de qualquer possibilidade de modernizar-se. Conseqüentemente, para esta grande maioria de agricultores a dependência do paternalismo estatal foi apenas retórica. Em outras palavras, pretendeu-se desenvolver o setor agropecuário em base de **decisões políticas** que não foram adotadas, de **serviços do Estado** que foram insuficientes e muitas vezes ineficientes e de **recursos** que simplesmente não existiram na quantidade necessária.

Terceiro erro: Superestimar a importância dos fatores **materiais** de desenvolvimento e subestimar os fatores **intelectuais**. Magnificou-se a **suposição** de que os agricultores não se desenvolviam porque **não tinham** recursos e se minimizou **o fato concreto** de que geralmente não o faziam porque **não sabiam** fazê-lo. Pensou-se que a modernização da agricultura era sinônimo de distribuição de terras, créditos, tratores, insumos de alto rendimento, etc; e que com o simples fato de proporcionar-los aos agricultores eles saberiam:

- utilizar os recursos **racionalmente**;
- escolher as tecnologias mais **adequadas**; e
- aplicá-las de forma **correta**.

Subestimou-se a **decisiva importância estratégica** de proporcionar uma adequada formação e capacitação às famílias rurais para que pudessem **emancipar-se** da dependência daqueles fatores externos que eram prescindíveis ou inacessíveis. Não se as capacitou para que soubessem adotar de forma **correta** inovações tecnológicas, gerenciais e organizativas que lhes permitiriam corrigir as distorções existentes nos diferentes elos da cadeia agroalimentar antes mencionados. Preferiu-se **compensar estas distorções com subsídios, em vez de eliminar suas causas com conhecimentos**.

Arcaísmo na agricultura um problema de recursos ou de conhecimentos?

As seguintes realidades são algumas das conseqüências do equívoco de priorizar os fatores materiais sobre os intelectuais:

- Os animais de alto potencial genético que foram importados (a custos muito elevados) não produziram as crias, a carne, a lã nem o leite esperado; Isto ocorreu fundamentalmente porque o agricultor não foi capacitado (medida de baixo custo) para produzir **na sua propriedade** alimentos de melhor qualidade (forragens e componentes de rações) nem para melhorar o manejo sanitário e reprodutivo destes animais mais exigentes; preferiu-se importar **mais** vacas em vez de melhorar o desempenho produtivo e reprodutivo das **já** existentes.
- A maquinaria cara e geralmente **superdimensionada** permaneceu ociosa e endividou aos agricultores, muitas vezes **excessiva e desnecessariamente**; o inadequado preparo do solo contribuiu a compactá-lo e a erodi-lo; a falta de capacitação dos operadores abreviou a vida útil e reduziu a eficiência dos tratores e seus implementos; as colheitadeiras mal reguladas provocaram inaceitáveis perdas na colheita de grãos.
- As obras de irrigação (fator mais caro) em grande parte ficaram subaproveitadas por falta de capacitação dos agricultores (fator mais barato); a irrigação não manifestou as suas **enormes** potencialidades para incrementar os rendimentos das culturas porque além de ser manejada de forma incorreta (com relação à quantidade de água, frequência, profundidade, momentos críticos de aplicação, etc), não foi acompanhada de práticas agrônômicas **elementares** que permitiriam obter um proveito **compatível** com os altos custos das infraestruturas de irrigação; o manejo inadequado desperdiçou parte da água e em muitos casos produziu a salinização dos solos.

- Os agroquímicos (que requereram divisas para ser importados e crédito oficial para ser financiados aos agricultores) muitas vezes eliminaram os inimigos naturais das pragas e contaminaram o meio ambiente, porque os agricultores não foram capacitados para **prescindir** de alguns deles ou para utilizá-los corretamente e parcimoniosamente quando eram imprescindíveis.
- O crédito, muitas vezes oriundo de empréstimos internacionais, em vez de **liberar** aos agricultores de dependências externas, serviu para endividá-los às vezes desnecessariamente, os **aprisionou** aos banqueiros e em muitos casos os fez perder a sua própria terra, porque os produtores não foram capacitados para aplicá-lo racionalmente. Com demasiada frequência o crédito ajudou muito mais a solucionar os problemas do setor financeiro e dos fabricantes de insumos e equipamentos, que propriamente os dos agricultores.

Foram proporcionados aos agricultores fatores que devido ao seu maior custo somente puderam ser oferecidos a alguns produtores e se deixou de proporcionar fatores que devido ao seu menor custo poderiam e deveriam haver sido oferecidos a todos os agricultores. Foram proporcionados aos agricultores fatores **perpetuadores** de dependências em vez de oferecer-lhes fatores **emancipadores** de dependências. Tentou-se fazer o que dependia de recursos escassos (capital) e se deixou de fazer o que dependia de recursos abundantes (mão-de-obra, conhecimentos e tecnologias apropriadas). Em resumo, **todos** os exemplos recém descritos demonstram que: a) Fez-se o mais difícil e complexo, o de maior dependência externa e o de mais alto custo; b) em contrapartida se deixou de fazer o mais elementar, óbvio e indispensável, que era capacitar as famílias rurais; e c) os vendedores de insumos e equipamentos foram mais convincentes que os difusores de conhecimentos(extensionistas).

Exemplos similares a estes se repetem em todos os países da América Latina e confirmam as seguintes lições adquiridas nestas últimas décadas: a) os aportes de recursos materiais e financeiros exógenos às propriedades que são sempre **desejados** pelos agricultores e muitas vezes tecnicamente **desejáveis**, não são suficientes se previa ou paralelamente não se capacita aos agricultores para que saibam usá-los racionalmente; e b) em grande parte estes aportes exógenos seriam prescindíveis, se os produtores recebessem uma adequada capacitação para **diminuir** sua dependência dos mesmos, priorizando (não necessariamente substituindo) as tecnologias de processo (de conhecimentos) sobre as tecnologias de produto (de insumos).

Tudo o que foi anteriormente mencionado permite concluir que, ao contrário de que costuma afirmar-se, a principal causa do subdesenvolvimento rural não foi tanto à insuficiência de **recursos**, mas sim a falta de **conhecimentos** adequados para que os agricultores pudessem tornar-se: a) **menos** dependentes de recursos

aos quais não possam aceder; e b) **mais** eficientes em sua utilização quando estejam disponíveis. Vários estudos da FAO avalizam esta afirmação.²

A través do atual modelo de modernização será impossível atingir a equidade

Os mais recentes indicadores de tendências indicam que:

1. Não se vislumbra, em um horizonte previsível, nenhuma possibilidade de que os governos possam proporcionar à **totalidade** dos agricultores **todos** os fatores **clássicos** de modernização da agricultura. Nas atuais circunstâncias dos países da Região (neoliberalismo, redução das estruturas dos órgãos do Estado, endividamento interno e externo), o referido modelo convencional é absolutamente **incompatível** com o desafio da **equidade**. Se for mantido este modelo como única alternativa de tecnificação, o postulado da equidade seguirá sendo exatamente o que tem sido até agora; isto é, um simples postulado, às vezes de boas intenções e outras de lamentável demagogia.

Não temos o direito de continuar ignorando a não viabilidade e a incompatibilidade recém-mencionadas; não podemos continuar iludindo-nos (e mesmo que não seja nossa intenção, iludindo aos agricultores) de que existe tal possibilidade, porque isto é absolutamente falso; esta compatibilização **não** é possível. Seguir insistindo **exclusivamente** neste modelo convencional significaria expulsar do campo 90% dos agricultores por falta de competitividade e de rentabilidade; e para complicar ainda mais a situação, expulsá-los em circunstâncias como as que estão descritas no próximo item.

2. **Não existe a mais remota possibilidade de que, nas cidades, o setor urbano-industrial possa oferecer-lhes os empregos, as casas, os alimentos, a água limpa, a eletricidade, os transportes, os serviços de saúde, etc; especialmente se consideramos que: a) gerar um emprego urbano custa seis vezes mais caro que fazê-lo no meio rural³; e b) manter uma família na cidade custa ao poder público 22 vezes mais caro que fazê-lo no campo⁴**

Nestas condições, se o desemprego urbano (e as gravíssimas conseqüências de marginalidade econômica e social que provoca) é um dos problemas mais angustiantes do mundo moderno e se a geração de empregos urbanos depende de investimentos para os quais não existem recursos em quantidade suficiente, o mais

² As pessoas interessadas em conhecer a fundamentação técnica desta afirmação poderão encontrar o documento denominado "Desenvolvimento Agropecuário: da dependência ao protagonismo do agricultor" na seção "publicaciones" da seguinte página Web: <http://www.rlc.fao.org> No referido documento se demonstra que o arcaísmo da agricultura mais que um problema de insuficiência de recursos é um problema de inadequação de conhecimentos e que quando estes últimos estão disponíveis os recursos materiais tornam-se **menos** imprescindíveis.

³ Schlotfeldt, C. "O papel da agricultura em uma política de emprego para o Brasil". Edição EMBRATER, 1983

⁴ Bittencourt de Araujo, N. Wedekin, I. y Pinazza, L.I "Complexo Agroindustrial - o "Agribusiness brasileiro". Edição AGROCERES, 1993, 152 pp.

elementar bom senso sugere que se priorize estratégias para a **fixação** dos agricultores no campo (a custos muitíssimo mais baixos) e não a correção das conseqüências do êxodo depois que os migrantes já chegaram às cidades.

Entretanto, esta fixação somente ocorrerá se forem oferecidas aos agricultores oportunidades **concretas** para: aumentar a quantidade dos excedentes que produzem, melhorar a qualidade, reduzir seus custos e incrementar os preços de venda; porque estas são as quatro condições mínimas para que eles possam aumentar sua renda, sem o que não poderão viver dignamente no campo. O grande desafio consiste em que o anteriormente mencionado somente poderá ser atingido se a agricultura modernizar-se tecnológica e administrativamente, com o agravante de que esta modernização já não poderá ser obtida pela via paternalista dos créditos abundantes e subsidiados. Isto por sua vez significa que a modernização da agricultura terá que ser efetuada através de uma maior eficiência, racionalidade e parcimônia na realização dos **investimentos**, na aquisição e no uso da **maquinaria** e na aplicação dos **insumos** externos. A insuficiência destes três fatores deverá ser compensada aumentando seus rendimentos.

Em virtude do evidente esgotamento do modelo convencional de desenvolvimento agropecuário já não existe nenhum motivo nem justificativa para continuar, seja ingênua ou demagogicamente, afirmando aos agricultores que os seus problemas serão resolvidos principalmente através de decisões políticas, serviços do Estado, subsídios e créditos; porque não se vislumbra qualquer possibilidade de que os governos possam fazê-lo, em favor de todos os agricultores. Continuar afirmando-o, somente contribuiria a mantê-los em uma postura de **passividade e dependência**, em circunstâncias nas quais os nossos países necessitam **de forma urgente** que os agricultores assumam atitudes de maior **protagonismo e autodependência** na solução de seus próprios problemas.

Não se pode seguir ignorando ou subestimando o seguinte problema básico: **Os governos mesmo que quisessem não disporiam de recursos em quantidade suficiente para proporcionar à totalidade dos agricultores, todos os componentes do modelo convencional de modernização da agricultura**; porque este **problema básico** é uma importantíssima causa do fracasso das múltiplas tentativas para promover o desenvolvimento agrícola. Enquanto não se reconheça esta gravíssima restrição os problemas não serão resolvidos porque este indiscutível obstáculo simplesmente não permitirá que sejam solucionados.

Todos estes antecedentes requerem uma radical e urgente mudança de atitudes dos profissionais agrários e dos líderes rurais no sentido de entender o seguinte: de pouco serve seguir tentando (e não conseguindo) proporcionar-lhes mais créditos, mais insumos e mais equipamentos se os agricultores não possuem os conhecimentos, as habilidades, as destrezas e as atitudes para que eles **mesmos possam, saibam e queiram**⁵ solucionar seus problemas, com **menor** dependência de decisões e recursos externos às suas propriedades.

⁵ Estejam motivados e tenham a autoconfiança de que são capazes de fazê-lo.

Ainda que existissem, os recursos externos de pouco serviriam e seguiriam sendo desperdiçados, se previamente ao seu outorgamento não se capacitasse e estimulasse aos agricultores para que tivessem: a) a autoconfiança anímica para assumir **como sua** a responsabilidade de solucionar os seus próprios problemas; e b) a auto-suficiência técnica para **começar** a modernização tecnológica e gerencial, a partir do uso *racional* dos recursos que realmente possuem e da *correta* adoção de tecnologias que sejam **compatíveis** com estes recursos.

Realismo em substituição a perfeccionismos utópicos

O **impasse** entre a **urgência** de satisfazer as **crecentes** necessidades de um grande número de agricultores e a **não disponibilidade** de recursos para fazê-lo pela via convencional, é evidente e indiscutível. Isto exige que, em muitos casos, os profissionais agrários deverão ter a humildade para **adiar** as soluções espetaculares (não para renunciar a elas), **começando** a modernização da agricultura através de medidas mais modestas e de menor custo, para que sejam realmente **viáveis** de ser adotadas por **todos** os agricultores.

Depois que todos o façam, é evidente que **deverão** continuar adotando de forma gradual tecnologias de maior custo e sofisticação para atingir os mais altos níveis de eficiência e produtividade, sem os quais não poderão inserir-se com êxito nos mercados nacionais e especialmente nos internacionais; isto significa que estas soluções de baixo custo deverão ser o **ponto de partida** e não necessariamente a meta **de chegada**. Para que possam ter rentabilidade e competitividade, os agricultores **não** podem renunciar às tecnologias de ponta e aos insumos modernos, porque eles são importantes **complementos** que lhes permitirão atingir altos rendimentos, melhor qualidade e menores custos unitários de produção. Nas atuais e muito difíceis circunstâncias da agricultura regional recobra atualidade e vigência a afirmação de que "somente partindo do possível se poderá chegar ao desejável".

O **impasse** entre as crescentes necessidades dos agricultores e as decrescentes possibilidades dos governos em satisfazê-las, recomenda que se faça a seguinte e pragmática reflexão:

- Se o único caminho para desenvolver aos agricultores é através da introdução de inovações tecnológicas, gerenciais e organizacionais que lhes permitam corrigir as distorções existentes em **todos** os elos da cadeia agroalimentar;
- se por imperativos de ordem econômica, social, política e ética é necessário que se o faça sem exclusões (equidade) nem postergações (urgência); e
- se não existem recursos para alcançar tal universalização através do modelo convencional;

conclui-se que **a única alternativa realista consiste em**

proporcionar aos agricultores os conhecimentos (capacitação e tecnologias *compatíveis* com os recursos que realmente possuem) para que eles mesmos possam solucionar os seus problemas: a) com *menor* dependência daqueles fatores escassos e inacessíveis antes mencionados; e b) com máxima eficiência na utilização dos referidos fatores quando estes estejam disponíveis e/ou sejam acessíveis.

Todos estes antecedentes indicam que a equidade somente poderá ser atingida através de um modelo que seja:

- **mais endógeno**, no sentido de, que o desenvolvimento esteja baseado principalmente no uso racional e no **incremento da produtividade** dos recursos que os agricultores **realmente dispõem**, mesmo que estes sejam escassos;
- **mais autogestionário** de modo que os próprios agricultores tenham os conhecimentos, habilidades e atitudes que são necessários para que se profissionalizem e assim possam assumir **como sua** a responsabilidade de transformar seus problemas em soluções, emancipando-se daquelas dependências externas que são reconhecidamente prescindíveis; e
- **mais autogerado**⁶ no sentido de que parte dos recursos que os agricultores necessitam para adquirir os fatores externos utilizáveis nas etapas **mais avançadas** de modernização (sementes híbridas, animais de alto potencial genético, equipamentos de alto rendimento, instalações, etc.) possam ser gerados **na propriedade**; esta autogeração de recursos deverá ser uma conseqüência natural da **progressiva** introdução de inovações que permitam ao agricultor melhorar de forma gradual sua **eficiência** produtiva, gerencial e comercial. Neste modelo é a eficiência a que gera recursos adicionais em vez de esperar que ocorra o contrário; este é o caminho, talvez mais difícil e menos espetacular porém, seguramente mais realista para que o crescimento com equidade não siga sendo simples retórica.

Ao adotar um modelo de tecnificação no qual os agricultores sejam **menos** dependentes de fatores escassos, automaticamente um **maior** número deles poderá introduzir inovações em suas propriedades. Adicionalmente ao **potencializar** insumos materiais que custam muito com insumos intelectuais que custam pouco,

⁶ A estratégia para obter a autogeração de recursos na propriedade está descrita no capítulo 7 do documento da FAO "La modernización de la agricultura: los pequeños también pueden". Os interessados poderão obtê-lo gratuitamente dirigindo-se aos seguintes endereços de E-Mails: Polan.Lacki@uol.com.br e Polan.Lacki@onda.com.br

se **reduzirá o custo** dos programas oficiais de desenvolvimento e assim os governos poderão beneficiar a um **maior** número de pessoas, dando passos concretos (não retóricos) para chegar à **equidade**.

A nova e ampliada responsabilidade da extensão rural

O modelo proposto exige como pré-requisito fortalecer, ampliar e tornar **muito mais eficientes** os serviços de assistência técnica e extensão rural, sejam públicos ou pertencentes as ONGs, cooperativas ou outras associações de agricultores, agroindustriais ou à iniciativa privada de assessoramento técnico. Independente de quem os auspiciem e patrocine, o importante é que seus extensionistas tenham **real capacidade de: 1) solucionar** os problemas dos agricultores, muito especialmente daquela grande maioria que se desempenha dentro da escassez de recursos (créditos, insumos modernos, etc.) e da adversidade físico-produtiva (terras de baixa fertilidade, de sequeiro, com relevo acidentado, etc.); 2) **corrigir** os erros que as famílias rurais cometem não somente na etapa de produção, como também no acesso aos insumos, na administração de suas propriedades, no processamento e conservação das colheitas e na comercialização dos excedentes.

Nossos países que têm o imperativo de eliminar a fome de seus habitantes e de inserir-se com êxito no mundo moderno da competição internacional não podem manter em seus serviços de assistência técnica a extensionistas que **não** têm a suficiente capacidade técnica para solucionar os problemas concretos e cotidianos dos agricultores⁷. Igualmente não podem manter a seus agentes de extensão recluídos nos escritórios ou dedicados a atividades não educativas, especialmente se considerarmos que a agricultura, hoje mais que em qualquer época de sua história, clama por um **eficiente** assessoramento técnico, como o **mais importante** e indispensável fator de produção; porque é este **eficiente** assessoramento o que proporcionará aos agricultores a auto-suficiência técnica para que, ante a retração do Estado e a eliminação dos subsídios, eles mesmos possam **assumir como sua a responsabilidade** de transformar seus problemas em soluções e de tornar-se economicamente viáveis fazendo agricultura.

Esta gravíssima contradição entre uma oferta ineficiente e uma demanda insatisfeita necessita ser eliminada imediatamente; as cada vez mais debilitadas e "descapitalizadas" instituições de assistência técnica e extensão rural, sejam públicas ou privadas, deverão ser apoiadas política e financeiramente para que os extensionistas recebam uma **excelente capacitação**, ganhem um salário compatível com sua importantíssima missão⁸, sejam liberados do excesso de rotinas burocráticas e tenham as condições e estímulos para **permanecer no campo** e ali dedicar-se exclusivamente a capacitar, organizar e mobilizar as famílias rurais para que **elas mesmas** se encarreguem de solucionar os problemas existentes em suas propriedades e comunidades. É necessário que se crie consciência na sociedade e nos formuladores das políticas agrícolas, de que "economizar" recursos em atividades de assistência técnica e extensão rural em tempos de crise agrícola (cuja

⁷ Porque são estes serviços os que devem proporcionar-lhes as tecnologias e a capacitação, sem as quais os agricultores **não** poderão ter rentabilidade nem competitividade.

⁸ Devido a eliminação dos subsídios e a necessidade de competir nos mercados internacionais é imprescindível que a agricultura se torne muito mais eficiente e que os agricultores se profissionalizem; esta é a razão pela qual no mundo moderno a extensão rural deverá constituir-se na **mais importante** agência para o desenvolvimento da agricultura.

solução depende em grande parte de que os agricultores tenham acesso aos conhecimentos que são difundidos pelos extensionistas), equivaleria a recortar recursos para a munição em tempos de guerra.

Entretanto, não é suficiente assignar-lhes recursos adicionais e outorgar-lhes maior apoio político. Em contra-partida as instituições de assistência técnica e extensão rural deverão ser **exigidas** para que, através de maior eficiência técnica, metodológica e administrativa:

- estejam mais próximas (geográfica⁹ e tecnicamente) dos problemas concretos e cotidianos que vivem os agricultores, dentro e fora das suas propriedades;
- tenham uma real capacidade de ajudar a que os agricultores (tais como são e com os recursos que realmente possuem) possam corrigir as ineficiências tecnológicas, gerenciais e organizacionais que existem em suas propriedades e comunidades;
- adaptem os conteúdos das inovações que difundem para que sejam **compatíveis** com os recursos que os agricultores **realmente** possuem . A eficácia destes conteúdos na solução dos problemas dos produtores deverá ser **tão evidente**, que os próprios agricultores sejam os seus principais difusores, defensores e legitimadores; que graças a sua excelência e vantagens, os referidos conteúdos se difundam automática e espontaneamente, depois da adoção pelo primeiro agricultor. O **pragmatismo** dos conteúdos difundidos pelos extensionistas (entendido como prioridade ao uso racional dos recursos disponíveis e à correta aplicação de tecnologias adequadas, diversificação produtiva, verticalização do negócio agrícola, autogeração de recursos nas propriedades, etc.), deverá contribuir a **emancipar** os agricultores da dependência de fatores externos, em vez de perpetuá-la;
- adotem novas estratégias e metodologias (métodos complexos) para **reduzir** o custo por família assistida, **ampliar** de forma muito significativa à cobertura e **acelerar** e **aperfeiçoar** a adoção de inovações. A extensão deveria priorizar sua atenção a grupos organizados de autogestão, em vez de fazê-lo a agricultores de forma individual. Também deveria priorizar os métodos demonstrativos sobre os discursivos para que as vantagens das inovações "penetrem mais pelos olhos que pelos ouvidos"; e

⁹ Em muitos casos é conveniente que os extensionistas residam nas próprias comunidades para não utilizar seu valioso tempo e o escasso veículo/combustível em fazer longos deslocamentos desde as cidades até as comunidades e vice-versa; e inclusive para que a crônica falta de veículo (ou de combustível ou de diárias) **não continue constituindo-se em motivo ou justificativa** para que os extensionistas deixem de ir e permanecer nas propriedades e comunidades.

- muito especialmente que consigam mobilizar as famílias e comunidades rurais para que um percentual realmente significativo de agricultores: i) se profissionalize para emancipar-se o mais rápido possível do retórico assistencialismo do Estado; ii) adquira mentalidade, atitudes e procedimentos empresariais; e iii) obtenha **resultados** concretos, palpáveis e imediatos em termos de produtividade, renda e bem-estar social.

A extensão rural deverá produzir **resultados** concretos porque já não é suficiente que ela se limite a: i) apresentar **intenções** genéricas e abstratas sobre desenvolvimento rural e ii) a executar mais **atividades** e a avaliar seu desempenho em base ao número de visitas, cursos, reuniões, demonstrações, etc. Os financiadores da extensão rural deverão exigir dela o **compromisso** de que as referidas **atividades** sejam executadas com eficiência para que efetivamente produzam **resultados** qualitativos e quantitativos avaliáveis e comprováveis. Se a extensão não for capaz de dar uma efetiva contribuição à eliminação das ineficiências dos agricultores e à correção das distorções da agricultura não receberá o apoio financeiro que necessita, nem do setor público nem do privado.

Os resultados obtidos pela extensão rural (em termos de aumento da produção e produtividade, geração de maiores excedentes para o mercado interno/externo, incremento na arrecadação de impostos, etc.) deverão ser visivelmente **superiores** aos gastos requeridos para financiar suas atividades extensionistas. Se os **custos** da extensão excederem os **benefícios** que ela produz, dificilmente encontrará a quem tenha interesse em financiá-la. Estes serviços deverão ser **muito** mais eficientes em conseguir que a **maioria** das famílias rurais **acelere e aperfeiçoe** a adoção de inovações para aumentar **rapidamente** o volume e a qualidade dos excedentes, reduzir seus custos, incrementar sua renda e melhorar suas condições de vida. A busca da rentabilidade e da equidade requer que a extensão rural difunda muito mais rápida e eficientemente os conhecimentos tecnológicos já existentes e utilize estratégias/metodologias muito mais eficazes para que a **maioria** dos agricultores adote as inovações, de imediato e de forma correta.

A nova ação da extensão rural deverá sofrer uma **profunda e radical** transformação em sua **orientação**. A extensão deverá capacitar aos agricultores já **não** para mantê-los **tão dependentes** do próprio governo, do crédito, do subsídio, da garantia oficial de preços e comercialização; porém **sim** capacitá-los com um claro e deliberado propósito de proporcionar-lhes os instrumentos (tecnológicos, gerenciais, organizacionais e até comportamentais) para que sejam muito mais eficientes e graças a isto, possam **emancipar-se** e tornar-se **menos** dependentes das decisões do governo e dos serviços do Estado. Os extensionistas deverão priorizar o **incremento da produtividade** de todos os fatores de produção **já** existentes nas propriedades, **antes** de sugerir aos agricultores que obtenham estes fatores em maior quantidade; como exemplo: se uma vaca produz quatro litros de leite por dia, salvo casos excepcionais, o extensionista deverá ensinar ao agricultor tecnologias que dupliquem este rendimento **antes** de propor-lhe a solução mais cômoda e simplista, porém de maior custo de adquirir uma segunda vaca; a estratégia de priorizar o incremento vertical (rendimento/produtividade) sobre a

expansão horizontal (maior quantidade de fatores) deverá aplicar-se a todos os recursos que intervêm na produção: mão-de-obra, terra, animais, equipamentos, insumos, etc.

A extensão rural deverá capacitar os agricultores e estimular sua organização para que **eles mesmos** constituam seus **próprios serviços** de acesso a insumos, de processamento e de comercialização; e para que façam investimentos em conjunto com o propósito de reduzir custos, eliminar superdimensionamentos e ociosidades, obter economia de escala e tornar-se mais autodependentes. Deverá capacitá-los para que em suas propriedades ou comunidades: i) **produzam** parte dos insumos (sementes, adubos, mudas, rações, etc.) e ii) **gerem** os recursos financeiros necessários para adquirir aqueles insumos que **não** possam produzir em suas granjas. A extensão deverá proporcionar-lhes os conhecimentos, habilidades e destrezas para que as famílias rurais, ao corrigirem os erros (de produção, administração da propriedade, compra de insumos, armazenagem, comercialização de excedentes, etc.) que atualmente cometem, se tornem **mais autogestionários, mais auto-suficientes, mais autodependentes** e conseqüentemente **menos dependentes** de subsídios e outros paternalismos geralmente inacessíveis e ineficazes. A ação da moderna extensão rural deverá ser essencialmente **emancipadora** e não perpetuadora de dependências.

A extensão rural do futuro, especialmente a privada deverá ser tão eficaz em aumentar visivelmente a renda dos agricultores, a ponto de que grupos de produtores estejam dispostos a pagar parcial e progressivamente pela assistência técnica recebida. Mesmo que este pagamento seja efetuado em produtos ou através de um percentual sobre os **lucros adicionais obtidos pelos agricultores, como conseqüência de que o extensionista lhes ajudou a reduzir ao mínimo os custos unitários de produção e a incrementar ao máximo os preços de venda dos excedentes**. Parte da diferença entre custos de produção **diminuídos** e preços de venda **incrementados**, pagaria os honorários de um extensionista que demonstre ser capaz de aumentar os lucros do grupo de agricultores a quem proporciona assistência técnica.

Por que a extensão rural recupera sua importância?

Os baixíssimos rendimentos médios da agricultura latino-americana¹⁰ demonstram de forma **clara e indiscutível** que a imensa maioria dos agricultores ainda **não** está adotando inovações **elementares** e de baixo custo, apesar de que estas já **estão disponíveis desde muitas décadas**. Continuam sem adotá-las, não

¹⁰Feijão 782 kg/ha, milho 2.207 kg/ha, arroz 3.740 kg/ha, sorgo 2.343 kg/ha, trigo 1.677 kg/ha. A vaca latinoamericana produz em média 4 litros de leite por dia, tem seu primeiro parto aos 42 meses (podendo tê-lo aos 28) e o intervalo entre partos é de 24 meses (podendo sê-lo de 13 meses). Se estes baixíssimos rendimentos forem mantidos será virtualmente **impossível** inserir-se com êxito no mundo moderno da competição internacional. Estes rendimentos poderiam ser substancialmente melhorados se a extensão rural tão somente difundisse de forma mais eficiente as inovações de **baixo custo** que já estão disponíveis cuja adoção **não** depende de recursos adicionais; ela somente depende de que os agricultores estejam capacitados e motivados.

tanto por falta de **recursos** mas sim e muito especialmente por falta de **conhecimentos** que os extensionistas poderiam e deveriam proporcionar-lhes. Estes modestos rendimentos demonstram com absoluta evidencia que é exatamente a **não** adoção destas inovações elementares (e não das sofisticadas e de alto custo) a que está **impedindo** que a grande maioria dos agricultores incrementem os baixíssimos rendimentos recém-mencionados.

Se as inovações **elementares**, cuja introdução depende apenas de conhecimentos (e não de recursos), já tivessem sido adotadas de forma correta pela maioria dos agricultores, os rendimentos da agricultura latino-americana **não** seriam tão baixos como são na atualidade. Isto significa que um **eficiente** serviço de extensão, poderia e deveria ser o fator mais decisivo para elevar os baixíssimos rendimentos da agricultura latino-americana; e através desta elevação, dar o primeiro e mais importante passo para solucionar os principais problemas dos agricultores.

Apesar de que reforçar e melhorar a eficiência da extensão rural seja uma condição **indispensável** para que a agricultura e os agricultores possam desenvolver-se, isto **não é suficiente**. Em virtude de sua escassez de recursos se requer complementar o esforço da extensão rural pública e privada, com outras alternativas que contribuam a **ampliar** e a **acelerar** a difusão de conhecimentos a um número **significamente maior** de famílias rurais, Oxalá a todas elas. O número de agricultores que necessita ser urgentemente capacitado é de tal magnitude que requer a conjugação de vários esforços institucionais, públicos e privados, que devem atuar de forma convergente para o grande objetivo comum que é introduzir novos conhecimentos, habilidades e **atitudes** no meio rural; porque no mundo moderno, é destes insumos intelectuais que dependerá em grande parte o êxito dos agricultores.

Devido à importância deste desafio e à imprescindibilidade de enfrentá-lo com urgência e determinação, é necessário que os serviços de extensão consigam contar com a efetiva participação e cooperação de outras instituições as quais poderiam atuar como poderosas agências multiplicadoras, facilitadoras, financiadoras e aceleradoras de suas atividades. Com tal fim, a extensão rural deveria fazer um grande e eficiente esforço de motivação e persuasão para conseguir que se envolvam em atividades educativas (seja executando-as, apoiando-as ou proporcionando recursos para o serviço de extensão), instituições como por exemplo, os diferentes meios de comunicação¹¹; as agroindústrias, sejam as que fabricam insumos ou as que industrializam produtos agrícolas¹²; a Igreja, as

¹¹ A estes em sua condição de concessionários de um serviço outorgado pelo poder público se deverá exigir que cedam espaços e que incluam mensagens valóricas positivas e conteúdos educativos em seus programas para que contribuam a formar melhores cidadãos, a educar a sociedade e a difundir informações que lhes sejam úteis. Do contrário os meios de comunicação continuarão: **produzindo** e idolatrando falsos ídolos e difundindo anti-cultura e anti-valores, como por exemplo, o consumismo, os vícios, a violência, o paternalismo, a passividade, o conformismo e o fatalismo; e **desviando** a atenção dos verdadeiros problemas que diariamente angustiam aos cidadãos, em vez de ensinar-lhes alternativas de como solucioná-los.

¹² Os serviços de extensão deveriam **demonstrar** ao setor privado que se se conseguisse desenvolver aos 100% dos agricultores (em vez de 10%) abrir-se-ia um imenso mercado para as **agroindústrias que fabricam insumos**

associações de agricultores, as cooperativas, as ONGs, as prefeituras municipais, e **sobre tudo** as escolas rurais de 1º grau. Tudo isto com o propósito de constituir um amplo movimento educativo destinado a eliminar do meio rural a **grande causa do subdesenvolvimento**, que é a insuficiência e inadequação de conhecimentos dos seus habitantes.

Introduzir novos conhecimentos e mudar as atitudes das famílias rurais é tão importante e decisivo para todos os setores do país que justifica plenamente que as referidas instituições participem ativamente desta verdadeira cruzada de salvação nacional; porque tal como foi mencionado anteriormente, todos os cidadãos e muitas instituições do país dependem direta ou indiretamente, do desempenho da agricultura. Todos eles são afetados, positiva ou negativamente pela sua eficiência ou ineficiência. A extensão rural deveria preparar argumentos suficientemente convincentes para **demonstrar** às mencionadas instituições que ao financiar, apoiar e/ou executar atividades de capacitação estariam fazendo um investimento que proporcionaria a elas mesmas importantes vantagens e benefícios; se a extensão não conseguir **demonstrar-lhes** dificilmente contará com a adesão e o apoio das referidas instituições.

Por que as escolas rurais de 1º grau?

Seria especialmente conveniente que nesta convergência de esforços educativos **os serviços de extensão trabalhassem em estreita e mútua cooperação com** as escolas rurais de 1º grau (da primeira à oitava série), pelas seguintes razões:

1- O número de famílias que requerem de capacitação é tão elevado que mesmo que se **decuplicassem** os recursos dos serviços oficiais de extensão rural (hipótese absolutamente insustentável¹³ em virtude das atuais restrições financeiras dos governos) eles dificilmente conseguiriam ter uma cobertura universal¹⁴. Devido à dispersão geográfica dos agricultores torna-se difícil para a extensão rural visitá-los ou reuni-los para periódicas jornadas de capacitação; tal dificuldade é menos acentuada para as escolas rurais porque elas já estão reunindo **diariamente** os alunos e poderiam aproveitar esta singular oportunidade para **formar** quase 100%

e também se contribuiria a fazer mais viáveis as **agroindústrias que processam produtos agrícolas**, porque estas últimas disporiam de matérias-primas de boa qualidade e a baixos preços. Ambas agroindústrias poderiam contribuir a diminuir o crônico déficit operacional da extensão rural, financiando parte de seus gastos correntes; em contra-partida ambas seriam importantes **beneficiárias** da modernização produtiva dos agricultores. Adicionalmente os serviços de extensão deveriam **demonstrar** às autoridades municipais que uma agricultura eficiente incrementaria a arrecadação de impostos e diminuiria as despesas e os problemas urbanos atualmente provocados pelo êxodo rural.

¹³ Insustentável porque os recursos governamentais são tão escassos que em muitos países não são suficientes sequer para atender aos enfermos nos hospitais públicos, nos quais chegam a morrer nos corredores antes de ser atendidos ou hospitalizados, ou necessitam esperar meses por uma consulta e um exame de laboratório, ou esperar anos para poder ser submetidos a uma intervenção cirúrgica.

¹⁴ Mesmo nos melhores tempos, quando os governos tinham estruturas operativas de grande cobertura e dispunham de abundantes financiamentos externos, seus serviços de extensão rural não conseguiam beneficiar sequer 10% dos agricultores de cada país.

das crianças; o que se constituiria em um resultado extraordinário se considerarmos que a extensão rural não consegue **capacitar** sequer 10% dos adultos.

Mesmo que a extensão rural atingisse a todas as famílias, sua ação com os adultos continuaria sendo dificultada e prejudicada se previamente a isto as escolas rurais não os preparassem adequadamente. Isto ocorreria pelos seguintes motivos: a) os agricultores continuariam tendo dificuldades para entender as mensagens técnicas dos extensionistas; b) não valorizariam as novas tecnologias agropecuárias por não ter consciência de que através delas poderiam solucionar seus problemas; c) os serviços de extensão seguiriam encontrando interlocutores mal formados, muitos deles resistentes às mudanças, carentes de autoestima e de desejo de superação, com mentalidade de subdesenvolvimento, dependência e fatalismo e que não acreditariam que **eles mesmos** são capazes de solucionar os seus próprios problemas; e d) os agricultores continuariam sem valorizar a importância dos **conhecimentos**, porque seguiriam pensando (como de fato geralmente pensam) que **não** poderão solucionar seus problemas enquanto não recebam mais ajuda do governo, mais recursos materiais, crédito, subsídios, etc; igualmente não entenderiam que o que mais lhes falta são conhecimentos, através dos quais poderiam tecnificar a agricultura e organizar a comunidade rural; e que através destas medidas realmente viáveis, poderiam começar a solucionar **eles mesmos** os seus problemas. Isto indica que se queremos desenvolver a agricultura é necessário previamente **formar** as famílias rurais para que tenham novos conhecimentos e especialmente para que adotem novas atitudes. Sem estes dois **importantíssimos** requisitos, será virtualmente impossível enfrentar com êxito o subdesenvolvimento imperante no meio rural.

Os atuais desafios da agricultura (equidade, sustentabilidade, rentabilidade e competitividade) exigem como *conditio sine qua non* formar uma **nova geração** de homens e mulheres rurais modernos; **que tenham a vontade** de mudar e de progredir com o fruto do seu próprio esforço e **que tenham os conhecimentos**, habilidades e destrezas que estas mudanças requerem. Enquanto os agricultores tenham **atitudes de dependência** e possuam **conhecimentos arcaicos**, os governos **não** terão êxito em seus esforços para enfrentar os quatro desafios recém-mencionados. Eliminar estas duas importantíssimas causas do subdesenvolvimento (fatalismo e ignorância) é um requisito absolutamente imprescindível para o qual os serviços de extensão necessitam contar com o apoio das escolas rurais de 1º grau.

2- Apesar de que a **formação** desta **nova geração** de cidadãos talvez não seja uma responsabilidade direta e exclusiva das escolas rurais de 1º grau, **somente** elas poderão fazê-lo, pela seguinte e fundamental razão: Os adultos rurais, que deveriam proporcionar estes novos conhecimentos e atitudes aos seus filhos, infelizmente **não** podem assumir esta função porque **não** sabem fazê-lo; simplesmente não podem ensinar-lhes aquilo que eles mesmos nunca tiveram oportunidades de aprender, nem nos seus lares nem nas escolas. É necessário e urgente que alguém se encarregue de romper este círculo vicioso de ignorância e subdesenvolvimento; **se as escolas rurais de 1º grau não o fizerem será difícil, para não dizer impossível, rompê-lo, contando exclusivamente com a**

inadequada formação que recebem de seus próprios pais ou com a insuficiente capacitação que recebem dos extensionistas.

A nova escola primária rural deveria ajudar a desenvolver o grande potencial latente que existe nas crianças rurais para que, depois de adultas, elas mesmas tenham a **vontade**, a **autoconfiança** e a **capacidade** de tomar decisões, de solucionar problemas, de fazer coisas novas e de executá-las com maior eficiência. Se não se adota esta medida, das atuais escolas rurais seguirão desertando ou se seguirá formando crianças com conhecimentos dispersos e pouco relevantes, porém sem a preparação necessária para incorporar-se ao mundo do trabalho e sem os valores fundamentais para desempenhar-se como futuros pais de família e cidadãos.

3- Nossos países têm o imperativo ético de oferecer pelo menos **oportunidades de desenvolvimento**¹⁵ a todos seus agricultores **porém não dispõem de recursos suficientes para fazê-lo pela via convencional**, que é excessivamente dependente de fatores externos às suas propriedades. Por este motivo deverão adotar um modelo centrado no fator conhecimento¹⁶ porque esta é a opção mais inteligente para que os projetos de desenvolvimento sejam de **menor** custo e tenham **maior efeito multiplicador**, no tempo (perdurabilidade) e no espaço (expansão horizontal). Enfatizar o fator conhecimento ajudaria a otimizar a relação custo/benefício dos reconhecidamente escassos recursos que os governos destinam ao desenvolvimento do setor agropecuário porque é mais econômico e duradouro desenvolver as potencialidades dos seres humanos que corrigir suas debilidades; ao reduzir seus custos estes projetos poderiam beneficiar a um **maior número** de famílias, no **mais curto prazo** e com um **mínimo de gastos** em recursos governamentais. Este pragmatismo permitiria chegar a equidade, com soluções factíveis e eficazes, em vez de continuar iludindo-nos com propostas espetaculares e utopias inalcançáveis.

4- As escolas rurais de 1º grau poderiam proporcionar os conhecimentos mais indispensáveis a **todos** os futuros agricultores, pelas seguintes razões:

a) A sua cobertura é quase universal, o que significa que **não** haveria necessidade de gastar os cada vez mais escassos e insuficientes recursos públicos em construir mais escolas; com as já existentes seria possível chegar com uma mensagem educativa **útil e pertinente** quase à totalidade dos futuros agricultores, agricultoras e donas de casa.

b) Os professores, ainda que geralmente mal formados e mal remunerados já estão contratados e exercendo suas funções. Seria necessário recapacitá-los e

¹⁵ Oportunidades no sentido de que os governos ofereçam as condições mínimas para que aquelas pessoas que **queiram** ajudar-se a si mesmas, possam fazê-lo.

¹⁶ Este fator além de estar disponível em abundância e de não consumir-se **cada** vez que é utilizado, o **único** custo que tem é o da sua difusão, uma **única** vez aos beneficiários; adicionalmente possui o grande mérito de poder diminuir a dependência que atualmente tem os agricultores de vários fatores escassos, porque lhes permite substituir insumos materiais por insumos intelectuais (exemplo: diversificação e rotação de culturas com leguminosas para reduzir o uso de pesticidas e fertilizantes sintéticos).

melhorar suas condições salariais. Muitos deles vivem nas próprias comunidades rurais e dispõem de tempo livre que poderiam dedicar, primeiro a aprender (autoestudo com textos elaborados especificamente para a realidade rural) e depois a ensinar os **novos e mais adequados** conhecimentos que está exigindo o meio rural moderno. Com pequenos estímulos anímicos e financeiros o fariam com muito entusiasmo, porque se sentiriam profissionalmente gratificados ao constatar que estes **novos conhecimentos** realmente estão **contribuindo** ao desenvolvimento das crianças, de suas famílias e de suas comunidades.

c) Os materiais educativos, adequados ou não às necessidades formativas das famílias rurais continuam sendo elaborados, impressos e distribuídos; seria necessário apenas adequar seus conteúdos às circunstâncias de vida e de trabalho dominantes no meio rural.

d) Para muitas comunidades rurais a escola de 1º grau é o **único** serviço de caráter permanente, proporcionado pelo Estado. Se já é **tão** pouco o que o governo lhes oferece deveria, pelo menos cumprir o dever indeclinável de outorgar-lhes uma formação de qualidade. Esta é a forma mais eficaz de emancipar os habitantes rurais, transformando-os em pessoas **mais** auto-suficientes e conseqüentemente **menos** dependentes dos demais serviços, os quais devido ao seu maior custo o poder público **não** está em condições de oferecer-lhes. Isto significa que ao melhorar a educação rural o Estado **não** gastaria recursos adicionais senão que os economizaria ao **não** necessitar gastá-los em outros serviços públicos. Com tal procedimento estaria fazendo **um investimento de baixo custo, porém de imenso efeito multiplicador**, no tempo e no espaço.

e) Para a imensa maioria dos habitantes rurais a passagem pela escola de 1º grau é a única oportunidade em toda sua vida de adquirir os conhecimentos necessários para que possam converter-se em **cidadãos mais produtivos e gestores mais eficientes** do desenvolvimento familiar e comunitário. Se for a única chance, com maior razão tal oportunidade deveria ser muito bem aproveitada. Por tal motivo os habitantes rurais não podem e não devem abdicar do direito irrenunciável de **exigir uma educação emancipadora** e os governos não podem eximir-se desta responsabilidade mínima.

f) Os alunos já estão matriculados, freqüentam as escolas e as seguirão freqüentando; se estes novos conhecimentos responderem aos seus interesses e inquietações, seguramente diminuirá o ausentismo e a deserção.

g) A escola básica, ao contrário do que ocorre com a extensão rural recebe crianças em um momento de sua formação, em que são mais moldáveis e mais adaptáveis às mudanças de atitudes, valores e comportamentos. **É mais fácil, rápido e econômico formar a uma criança que reformar a um adulto**¹⁷.

h) Os recursos materiais e didáticos que se requerem para reequipar as escolas rurais a fim de que possam introduzir as mudanças aqui propostas, são de reduzido

¹⁷ O que o Joãozinho não aprendeu, não o saberá João (refrão Alemão).

valor: uma pequena biblioteca com textos adaptados à vida rural, ajudas didáticas adequadas, alguns instrumentos rústicos para medir e pesar, alguns insumos e ferramentas agrícolas, um estojo de primeiros auxílios, etc.

Em resumo, a implantação de uma educação básica rural mais **contextualizada** não necessariamente requer de muitos recursos adicionais; o mais caro e mais difícil já está feito e disponível faltando apenas o de menor custo, que é tomar a **decisão** de fazê-lo¹⁸. Isto é, não se trata de gastar mais recursos governamentais que são reconhecidamente escassos. Propõe-se aplicar melhor os que já estão disponíveis pois a pior forma de gastá-los seria continuar "fazendo mais do mesmo", porque com isto se estaria continuando a produzir desertores ou formar egressos cada vez **mais** dependentes daqueles exíguos recursos e serviços do Estado. Estes são e serão cada vez mais escassos entre outras razões, porque as pessoas mal preparadas ao não ter capacidade (conhecimentos e atitudes) para solucionar os seus próprios problemas, tornam-se cada vez **mais** dependentes do poder público. É a ignorância gerando mais dependência. A escola deveria formá-los para que deixem de ser seres apáticos, passivos e muito dependentes do Estado; deveria educá-los com o claro propósito de que se tornem cada vez **mais** autogestionários e **mais** autodependentes de suas próprias decisões, de seus próprios recursos e de seus próprios esforços.

Para atingir esta adequação é necessário diminuir o desencontro que normalmente existe entre:

- "como" e "o que" ensinam as escolas rurais atualmente; e
- "como" e "o que" necessitam aprender as crianças rurais para que no futuro elas mesmas possam, saibam e queiram (tenham autoconfiança e motivação para) solucionar os problemas que existem em seus lares, propriedades e comunidades.

Em busca de um ensino contextualizado e proveitoso

Tais como são na atualidade as escolas rurais **não** podem cumprir sua importantíssima função de formar esta **nova geração** de homens e mulheres, com os conhecimentos e atitudes que está **exigindo** o mundo rural moderno. Elas necessitam de transformações radicais para adaptar-se às circunstâncias do meio **rural**, já que sua finalidade principal é preparar pessoas com comportamentos e valores **rurais** e com conhecimentos, habilidades e destrezas que lhes ajudem a **viver melhor e produzir com mais eficiência** no meio **rural**. Conseqüentemente, os conteúdos dos seus currículos deverão ser orientados principalmente às

¹⁸ Não necessariamente a difícil decisão política do governo nacional ou estadual, mas especialmente a decisão política dos prefeitos municipais e a decisão pessoal dos próprios professores; estas duas últimas em muitos casos seriam suficientes para que a educação fosse mais pertinente às necessidades do meio; estas decisões locais poderiam ser adotadas sem conflitar e sem depender de que sejam formuladas novas políticas de âmbito nacional ou estadual. As novas políticas de descentralização educativa possibilitam e estimulam tais iniciativas a nível municipal ou comunitário.

circunstâncias **de vida e de trabalho** imperantes no meio **rural**. Elas devem ser **rurais** nos procedimentos e atitudes dos docentes¹⁹, os quais devem ensinar às crianças a valorizar e apreciar a importância e as grandes potencialidades do meio **rural**. As escolas devem contribuir a "enraizar" as crianças no meio **rural** e a conscientizá-las de que no campo também existem oportunidades potenciais de desenvolvimento, de prosperidade e bem-estar social; e que conseqüentemente elas não devem iludir-se com os falsos atrativos das cidades.

Para cumprir esta nova função as referidas escolas já não podem seguir proporcionando um ensino teórico e abstrato, além de desvinculado dos problemas cotidianos de produção **rural**, higiene **rural**, saúde **rural**, alimentação **rural** e organização comunitária **rural**. As escolas poderiam contribuir com **conceitos** básicos para que os futuros adultos rurais elevem a baixíssima produtividade do seu trabalho, melhorem sua eficiência produtiva e corrijam os erros **elementares** que diariamente cometem em seus lares (de alimentação, de prevenção de enfermidades, de educação das crianças, etc).

O grande porém iniludível desafio dos tempos modernos é que as escolas básicas deverão formar uma nova geração de agricultores (em termos de conhecimentos e atitudes) para a América Latina e o Caribe. Formar homens e mulheres autoconfiantes, com atitudes e mentalidade de mudança, de progresso, de desenvolvimento, de protagonismo; e que sejam conscientes de que **eles mesmos** deverão ser os responsáveis de solucionar a maior parte dos seus problemas familiares, produtivos e comunitários. Todavia, é necessário destacar que eles não mudarão de atitudes, pelo simples fato de que se lhes sugira fazê-lo. O farão na medida em que adquiram novos conhecimentos para que o **desconhecido** se transforme em **conhecido**; enquanto não conheçam **o novo** seguirão decidindo e atuando em função do **antigo**. A mudança será mais fácil se as escolas **demonstrarem** aos alunos que depois de adultos eles mesmos, apesar de suas adversas realidades econômicas, serão potencialmente capazes de assumir **como sua** a responsabilidade de solucionar seus problemas, com uma **menor** dependência de apoios materiais externos.

As referidas escolas poderiam demonstrar às crianças rurais, através de ensinamentos e exemplos reais que:

- a pobreza e o subdesenvolvimento rural **não** são uma fatalidade diante da qual devam conformar-se, resignar-se ou capitular;
- não existem razões econômicas, políticas nem éticas que justifiquem que as famílias rurais não tenham oportunidades para prosperar em seu próprio meio;
- seus problemas econômicos e sociais são **solucionáveis**;

¹⁹ Para que possam fazê-lo é evidente que se necessita capacitar aos professores e proporcionar-lhes os estímulos que sejam convenientes e adequados para tal fim.

- se adquirem conhecimentos pertinentes e mudam de atitudes, os próprios afetados pelo subdesenvolvimento (os habitantes rurais), poderão começar a solucionar de forma gradual seus problemas de produção, renda e bem-estar; e
- somente eles podem e devem adotar as iniciativas e medidas que lhes permitirão construir um futuro de prosperidade e bem-estar familiar; e que para isto necessitam adquirir novos conhecimentos, mudar de atitudes e **abandonar certos preconceitos** que são analisados a seguir.

Atitudes de dependência perpetuam e multiplicam as situações de subdesenvolvimento

As referidas escolas poderiam contribuir a mudar a mentalidade dos habitantes rurais, eliminando alguns preconceitos e tabus típicos de pessoas fatalistas e derrotistas. Estes tabus, ao bloquear suas iniciativas contribuem fortemente a mantê-los no subdesenvolvimento. As atitudes e comportamentos **negativos e derrotistas** que as escolas poderiam ajudar a eliminar, são os seguintes:

- pensar que não são capazes e que não dispõem dos recursos mínimos para solucionar eles mesmos os seus próprios problemas;
- esperar que as decisões e recursos para o seu desenvolvimento venham de fora; pensar que é o poder público quem deve solucionar os seus problemas; atribuir maior importância ao paternalismo do Estado que ao seu próprio protagonismo;
- ter um limitado horizonte de aspirações e escasso desejo de superação, em virtude de sua baixa autoconfiança e auto-estima;
- magnificar a importância das autoridades e das instituições públicas e minimizar as suas próprias potencialidades de desenvolvimento;
- superestimar a importância dos recursos financeiros ou materiais e subestimar o valor do **conhecimento** como fator crucial de desenvolvimento; não ter consciência de sua própria ignorância e da necessidade de eliminá-la;
- ter atitudes de passividade, dependência, pessimismo, fatalismo e resignação;
- utilizar escusas e/ou acusar a terceiros como justificativas para a não solução dos seus problemas;
- solicitar que os outros o façam, em vez de **atuar** para romper o círculo vicioso do subdesenvolvimento e para edificar seu próprio futuro.

É necessário que os agricultores *possam* assumir novas atitudes e responsabilidades

Estes valores, atitudes e procedimentos negativos deverão ser substituídos por outros, mais **positivos e construtivos** que ao devolver-lhes a dignidade e a esperança, ajudem aos habitantes rurais a forjar a sua auto-realização. Do contrário, se seguirá produzindo cada vez mais dependência e mais subdesenvolvimento, porque as crescentes multidões de pessoas criadas neste ambiente - pobre porém prolífico - seguirão multiplicando-se e produzindo cada vez mais pobreza, maior número de pobres, mais subdesenvolvimento e mais problemas ambientais. Para ajudar a reverter estas expectativas e atitudes as escolas rurais de 1^o grau poderiam:

- ensinar-lhes de forma muito simplificada a fazer autodiagnósticos de seus problemas, pondo ênfase naqueles cujas causas são **endógenas** e que são **solucionáveis** pelos próprios agricultores. Este procedimento contribuiria a exaltar as potencialidades das famílias rurais e com isto torná-las **menos** expectantes de um desenvolvimento exógeno e mais ativas como protagonistas de seu próprio desenvolvimento.
- ensinar-lhes a relacionar causas e efeitos, com o propósito de fazer-lhes ver que muitos dos problemas e suas causas estão em suas próprias mentes, lares, propriedades e comunidades e não tanto fora deles;
- inculcar-lhes que as próprias famílias rurais deverão tomar as decisões e iniciativas de desenvolver as potencialidades existentes nelas mesmas, em suas propriedades e em suas comunidades; ensinando-lhes que, para ter acesso a bens e riquezas, é necessário que previamente **elas mesmas** os produzam com abundância e posteriormente os consumam com parcimônia.
- Estimular as crianças para que ampliem o seu horizonte de aspirações e tenham vontade de superação; sejam conscientes de o que seu o desenvolvimento e progresso serão fruto e conseqüência de **seu** empenho e esforço pessoal, tenham autoconfiança e auto-estima para sentir-se capazes de enfrentar e transformar sua adversa realidade e para tornar-se mais autônomos e menos dependentes de ajudas materiais externas.
- Ensinar-lhes a apreciar os recursos, tradições (não tradicionalismos) e cultura do meio rural, com a finalidade de que valorizem o trabalho **manual**, as atividades **agrícolas** e a vida **rural**; ensinar-lhes que no campo existem potencialidades, recursos e especialmente oportunidades que poderão e deverão ser explorados e aproveitados por eles mesmos, quando adultos.
- Ajudar-lhes a romper o determinismo fatalista que os mantêm na resignação e na passividade; demonstrar-lhes que **eles mesmos**, com seu esforço, tenacidade e disciplina, deverão ter a **vontade e a capacidade de assumir** a responsabilidade de transformar, em vez de perpetuar suas adversas e

injustas realidades. Ensinar-lhes que a melhor forma de progredir através do seu próprio esforço é que eles continuem adquirindo novos conhecimentos em forma permanente para que estes os liberem das dependências externas.

- Transmitir-lhes atitudes, valores e comportamentos positivos de autoconfiança e auto-estima; honestidade e honradez; pontualidade e responsabilidade em assuntos pessoais e com terceiros; ordem e disciplina; compromisso diante do desenvolvimento familiar e comunitário; espírito de lealdade, ajuda mútua e solidariedade; consciência de que somente o trabalho constante e bem executado é capaz de gerar riquezas e proporcionar bem-estar; espírito de iniciativa, dedicação e perseverança; amor a verdade; respeito ao próximo e aos seus direitos; hábitos de poupança e investimento para assegurar um futuro melhor; rechaço aos vícios, à mentira, à intolerância, à violência, ao egoísmo, ao materialismo e ao consumismo. Enfim proporcionar-lhes uma formação moral e cívica integral para que sejam melhores cidadãos, conscientes não somente dos seus **direitos** porém especialmente dos seus **deveres** e responsabilidades perante o desenvolvimento da família e da comunidade.

As quatro mudanças necessárias para a formação de um novo cidadão rural

Para formar este **novo** cidadão as escolas rurais de 1º grau poderiam introduzir as seguintes mudanças:

1. Adequar os conteúdos dos programas de estudo

As escolas rurais, além de cumprir os objetivos e conteúdos fixados pelo Ministério de Educação poderiam ensinar conhecimentos úteis e habilidades práticas para que os futuros adultos rurais **melhorem sua capacidade de solucionar seus problemas cotidianos de vida e de trabalho**. Deveriam ensinar as matérias básicas, porém proporcionando-lhes alguns **conceitos e princípios** fundamentais mínimos que ajudem aos futuros agricultores a que saibam solucionar, com mais protagonismo e auto-dependência, seus problemas cotidianos de :

- como produzir, administrar o negócio agrícola e organizar a comunidade com maior eficiência e racionalidade;
- como alimentar-se de maneira suficiente e balanceada em base aos alimentos que eles mesmos deveriam produzir em suas propriedades, devidamente diversificadas;
- que normas de higiene e prevenção deveriam adotar para **evitar** as enfermidades de maior incidência no meio rural (diarréias, parasitoses, doenças respiratórias, etc);
- como adotar medidas preventivas e de primeiros socorros diante dos acidentes que ocorrem com maior frequência no campo (picada de insetos,

mordida de cães e serpentes, fraturas, acidentes com ferramentas, intoxicações com agrotóxicos, etc);e

- como organizar-se de forma solidária para facilitar a solução em conjunto aqueles problemas que afetam a todos os membros da comunidade e que **não** podem ser resolvidos de forma individual; idem para reivindicar seus **direitos** e conseguir que o poder público atenda suas legítimas exigências.

Com tal fim as escolas poderiam adotar as seguintes medidas:

- a) Eliminar dos atuais currículos os temas de escassa importância, pertinência e aplicabilidade para os interesses e necessidades dos habitantes **rurais**; como exemplos: temas urbanos, complexas equações matemáticas, animais exóticos, história dos heróis²⁰ de outros países, comprimento de rios e altura de montanhas de outros continentes, etc. Estes temas de importância muito marginal ocupam atualmente um precioso tempo que depois faz falta para ensinar-lhes o que **sim** é de grande importância, como por exemplo o que se propõe no próximo item.
- b) Incluir noções elementares, princípios e conceitos sobre produção agropecuária, nutrição, higiene, saúde, associativismo, direitos e deveres de cidadão na vida familiar e comunitária, etc. A falta destes conhecimentos é uma **importantíssima** (e geralmente subestimada) **causa do subdesenvolvimento** imperante nas comunidades rurais. Propõe-se que seja a **escola que os proporcione**, porque a grande maioria dos pais infelizmente **não sabe** ensinar estes conteúdos aos seus filhos e estes quando adultos **não podem prescindir** destes conhecimentos.
- c) Adaptar as disciplinas tradicionais (matemática, geografia, linguagem, etc) a fim de que os seus conteúdos sejam **funcionais**, às necessidades cotidianas dos habitantes rurais, como por exemplo:
 - **ensinar matemática** para que as crianças aprendam como medir e calcular superfícies e volumes; como aplicar regra de três para calcular proporções e juros de empréstimos; como calcular custos e fazer pequenos orçamentos; como fazer conversões de pesos e medidas; como fazer a dosagem de insumos; como calcular porcentagens de germinação, espaçamento de sementeira e rendimentos por hectare, etc.;
 - **reforçar em biologia** conteúdos que lhes permitam entender por que é necessário que tenham melhores hábitos de higiene (ter uma latrina, utilizar água limpa, tomar banho, lavar as mãos antes de comer, escovar os dentes depois das refeições, etc.) e que lhes permitam conhecer sua incidência na prevenção de enfermidades; os alunos deverão aprender noções

²⁰ Deveria exaltar-se menos as glórias do passado e dedicar este tempo e esforço a construir o homem do futuro; ensinar **menos** sobre os heróis das revoluções e guerras convencionais e **mais** sobre "o que" e "como" os agricultores deveriam fazer para promover a **revolução produtiva** e a **guerra contra a miséria** e o subdesenvolvimento imperantes no meio rural.

elementares sobre nutrição humana e animal, vacinações e primeiros socorros, etc.; e

- **ensinar linguagem** para que aprendam a interpretar textos de interesse para a vida rural; para que entendam as recomendações dos extensionistas; e para que possam praticar o auto-estudo e expressar-se de forma oral e escrita.

O anteriormente mencionado significa que " em vez de considerar o ensino de números e letras como um **objetivo terminal**, se o faça somente como um **objetivo instrumental** que facilite a formação do estudante para a vida e o trabalho rural. **A aprendizagem dos conhecimentos básicos(ler, escrever, efetuar as quatro operações, etc.) não deveria ser um fim em si mesma senão um meio**"²¹; um meio instrumental que lhes permita praticar o autoestudo depois de egressar da escola. Assim fariam estar melhor preparados para solucionar os problemas concretos que diariamente enfrentam nos seus lares, propriedades e comunidades. Enfim, **ensinar preferentemente o relevante, o próximo, o predominante, o cotidiano, o imediato, o aplicável, o desejado, o sentido, o útil e o necessário; de modo que a educação seja realmente um instrumento** para o desenvolvimento pessoal, familiar, produtivo e comunitário. Ao fazê-lo as crianças teriam maior interesse pelo estudo, aprendizagem seria mais rápida e prazerosa; a repetência, o absenteísmo e a deserção diminuiriam.

2. Elaborar novos materiais e textos didáticos

Os materiais e textos deveriam ser redigidos por profissionais em pedagogia, agricultura, saúde e comunicação que tenham **grande** conhecimento e **vivência** da realidade **rural**. Com tais antecedentes acadêmicos e experiência de campo estariam em melhores condições de elaborar conteúdos que, além de realistas e pertinentes sejam atrativos para a leitura e de fácil compreensão; profissionais sem estes antecedentes **não** podem assumir uma atribuição de tanta responsabilidade²². Estes materiais deveriam estimulá-los a pensar, a fazer reflexões e a praticar o autoestudo, de modo que as próprias crianças possam construir seu conhecimento, de forma mais independente e ativa.

Cada escola deveria ter uma pequena porém excelente biblioteca. Excelente no sentido de que seus **conteúdos temáticos** sejam de real pertinência para o mundo rural e sejam de interesse para as crianças; que estimulem sua curiosidade, que satisfaçam suas inquietações e que lhes façam sentir o gosto de aprender; que sua elaboração pedagógica e gráfica atraia a atenção e facilite o processo de compreensão e aprendizagem. O fato de proporcionar-lhes estes poucos, porém adequados, materiais contribuiria a que o auto-estudo deixasse de ser a monótona

²¹ Oliger, J., s.f. Educación para el Desarrollo Rural. Santiago de Chile, mimeo.

²² O potencial de desenvolvimento dos habitantes rurais não pode ser cerceado nem entorpecido por conteúdos e materiais inadequados, elaborados por profissionais urbanos e teóricos que ao não haver vivenciado a realidade rural não estão preparados para discernir os conteúdos que são essenciais para os habitantes rurais daqueles que não o são.

leitura e memorização de textos extensos, irrelevantes, abstratos, complexos e mal elaborados para transformar-se em algo muito interessante e estimulante para as crianças.

3. Adotar novos métodos de ensino

Os métodos pedagógicos deveriam ser adaptados com o objetivo de maximizar a eficiência do ensino **e muito especialmente da aprendizagem**. Métodos mais ativos e participativos que estejam **centrados no aluno** e não tanto no professor; que os estimulem a pensar, a reforçar a personalidade, a liberar as suas potencialidades e energias latentes; a despertar sua motivação e a desenvolver sua capacidade criativa e empreendedora. Para atingir tais objetivos os professores não deveriam ensinar exclusivamente dentro das salas de aula, ditando e exigindo que os alunos repitam, copiem e memorizem fatos históricos, fórmulas matemáticas, feitos heróicos, datas de guerras, nomes de acidentes geográficos de outros continentes, etc.

Propõe-se retirar os alunos da sala de aula e ensinar-lhes sobre temas mais imediatos e mais próximos a sua realidade concreta, em vez de temas abstratos e distantes que **não** lhes afetam diretamente e que conseqüentemente **não** lhes interessam e **não** os motivam a estudá-los. Na medida do possível ensinar-lhes em torno a problemas reais e concretos, utilizando os componentes do próprio meio, das propriedades, dos lares e das comunidades, de modo que eles possam ver e tocar objetos concretos que utilizam em sua aprendizagem. Por exemplo: não mostrar uma hortaliça num cartaz quando se pode semeá-la e observar seu desenvolvimento no pátio da escola ou em uma propriedade; não ensinar frações somente no quadro negro se puder fazê-lo também cortando uma laranja em duas e quatro partes iguais ou uma maçã em três terços ou seis sextos.

Cada escola deveria ter uma pequena porém diversificada granja (ou pelo menos uma horta) na qual seriam ensinados **fundamentos** das ciências agropecuárias. Na horta escolar as crianças poderiam ter situações e oportunidades de aprendizagem; de aprender **trabalhando, produzindo e praticando** com suas próprias mãos os ensinamentos recebidos, com o propósito de adquirir novas habilidades e destrezas. Gradualmente as escolas e suas granjas modelo poderiam transformar-se em centros de capacitação e de desenvolvimento comunitário que formariam e capacitariam às famílias rurais para uma **vida mais agradável** e para um **trabalho mais produtivo no campo**.

Os professores poderiam oferecer aos alunos oportunidades de participação na administração das atividades escolares e atribuir-lhes tarefas de forma rotativa para desenvolver neles o crescente e gradual sentido de iniciativa, criatividade e responsabilidade (verificação de freqüência, limpeza da sala de aula, controle de horários, administração da biblioteca, cuidado do jardim, responsabilidade pelo estojo de primeiros socorros, etc.).

Resumindo, na medida do possível, a escola deveria substituir e/ou complementar o ensino abstrato com o concreto; o teórico com o prático; o estudo

individual com o estudo em grupos; a aprendizagem memorística pela compreensiva; os castigos pelos estímulos; a aprendizagem passiva pela participativa, questionadora²³, problematizadora, crítica e criativa; o ensino dentro da aula com o que se proporciona fora dela.

Os professores deveriam estimular seus alunos para que adquiram o hábito e a disciplina de seguir estudando de forma **permanente** mesmo depois de egressar da escola, porque nos tempos modernos o desenvolvimento dependerá cada vez mais da habilidade das pessoas para encontrar informações, selecionar aquelas que necessitam, e saber utilizá-los em seu próprio benefício. Adicionalmente os professores deveriam ensinar-lhes a estudar e a compreender em vez de memorizar.

4. Formar e recapacitar aos professores rurais

Os atuais professores rurais, por melhor que seja sua boa vontade, naturalmente não estão em condições de atingir os objetivos nem de ensinar os conteúdos aqui propostos. Para poder fazê-lo deverão ser formados e/ou recapacitados em novos conteúdos e em métodos didáticos mais eficientes.

O êxito desta proposta dependerá do bom desempenho, da excelência e da motivação dos docentes. Por tal motivo será prioritário oferecer-lhes cursos pragmáticos e práticos, proporcionar-lhes materiais para o **autodidatismo**, cujos conteúdos sejam pertinentes para a sua condição de professores **rurais**; criar mecanismos simples porém eficazes para estimular e premiar aos professores que tratem de autocapacitar-se, superar-se e adaptar os conteúdos e métodos às reais necessidades do meio **rural**.

Não se esta propondo que o professor rural tenha os conhecimentos e ensine às crianças o que sabe e faz um agrônomo, um médico ou um veterinário. Tampouco que lhes ensine como aplicar pesticidas ou fazer tratamentos em seres humanos ou animais. Propõem-se que os professores possuam os conhecimentos que lhes permitam ensinar as crianças, **princípios e fundamentos** para que os alunos possam entender a natureza dos problemas e estabelecer as relações que existem entre causas e efeitos; que saibam como adotar medidas preventivas para evitar que os problemas apareçam; que tenham os conhecimentos básicos que lhes permitam, a eles mesmos, solucionar com maior autonomia, os problemas mais elementares de produção, alimentação, higiene, saúde, etc.; em vez de esperar que outros o façam por eles. Alguns exemplos ilustram o que se está propondo:

- ao ensinar às crianças que muitas enfermidades, sofrimentos e mortes poderiam ser evitados se as pessoas adotassem medidas preventivas (consumir água limpa, eliminar lixo e dejetos, ter bons hábitos de higiene, combater os transmissores de enfermidades, tomar vacinas, etc.) elas se interessariam em aprender e adotar as referidas medidas;

²³ As crianças deveriam ser estimuladas a **perguntar** e não somente a **responder**.

- ao ensinar-lhes a importância e as vantagens de uma alimentação bem balanceada se motivariam a semear hortaliças, plantar árvores frutíferas e criar pequenos animais em suas propriedades; e se interessariam em aprender como fazê-lo de forma correta;
- ao demonstrar-lhes que uma razão muito importante pela qual eles são pobres é que seus próprios pais **não** sabem produzir com eficiência, eles se interessariam em aprender novas tecnologias para corrigir as referidas ineficiências.

Se a educação primária adotasse tão somente as quatro medidas recém-descritas, a ação capacitadora da extensão rural tornar-se-ia muito mais fácil e muito mais eficaz; isto a sua vez lhe permitiria **ampliar** sua cobertura e **acelerar** a introdução de inovações nos lares, propriedades e comunidades rurais. Em retribuição, os serviços de extensão poderiam ajudar as escolas rurais na seleção dos conteúdos, na elaboração dos textos didáticos e na capacitação dos professores sobre os novos conteúdos que passariam a impartir.

Conclusão

Como se vê, introduzir estas mudanças nos serviços de extensão e nas escolas primárias, com o propósito de formar um novo cidadão rural, não somente é necessário e possível senão que especialmente é urgente fazê-lo. Enquanto não se o faça, as medidas convencionais que os governos adotem em prol do desenvolvimento agrícola **continuarão** produzindo resultados muito modestos e desperdiçando em grande parte os escassos recursos oficiais. Isto porque os destinatários de tais iniciativas **não** estarão técnica nem animicamente preparados para beneficiar-se delas nem para assumir como sua a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento; e enquanto não possam, não saibam e não estejam motivados para assumi-la, simplesmente **não** poderá haver eficiência e racionalidade nas propriedades e comunidades; porque a imensa maioria dos agricultores continuará cometendo, sem sequer e sem dar-se conta, erros²⁴ elementares: no acesso e utilização dos insumos, na aplicação de técnicas agrícolas, no uso de recursos produtivos, na armazenagem de suas colheitas e na comercialização de seus excedentes. Como conseqüência do anteriormente mencionado os agricultores continuarão produzindo um excedente diminuto, de má qualidade e obtendo-o com baixos rendimentos; também continuarão vendendo-o sem agregar valor, de forma individual ao primeiro intermediário que queira comprá-lo. Devido a tais procedimentos seus **custos de produção continuarão sendo muito altos e os preços de venda muito baixos**; e por estes dois motivos seus ganhos serão insuficientes e não lhes permitirão viabilizar-se economicamente fazendo agricultura.

Enquanto tal situação persistir, os agricultores continuarão sendo expulsos do campo e os governos terão cada vez menos possibilidades de absorvê-los nas cidades, pela simples e seguinte razão: se hoje **por falta de recursos financeiros**,

²⁴ Não por culpa deles evidentemente

os governos não conseguem oferecer-lhes condições dignas de trabalho e de vida **no campo**, como poderão fazê-lo nas cidades se gerar um emprego urbano custa seis vezes mais que um emprego rural?. Como poderão mantê-los na cidade se isto custa para o poder público 22 vezes mais caro que fazê-lo no campo? Como poderão fazê-lo se o número de pobres urbanos e suas necessidades econômicas e sociais crescem muito rapidamente enquanto diminui a capacidade operativa do Estado e a disponibilidade de seus recursos para satisfazer tais demandas?

Em virtude de tal desequilíbrio serão (e de fato já estão sendo) cada vez menores as possibilidades que os governos consigam dar resposta às emergências **urbanas**. Estas, devido a sua magnitude, profundidade e freqüência estão transformando-se em fatos rotineiros e generalizados, frente aos quais a opinião pública já perdeu sua capacidade de assombro e o Estado já perdeu sua capacidade de solucioná-los.

Convém reiterar que grande parte dos complexos problemas urbanos têm sua origem no campo e por tal motivo é ali que deve-se **evitar suas causas a baixo custo** em vez de **tentar corrigir, sem êxito, suas conseqüências com altos custos** nas cidades. É preferível gastar **melhor** na **educação rural** que ter que gastar **mais** na **repressão urbana**.

Todo o anteriormente mencionado indica que o **grande problema** que devemos enfrentar é a incapacidade e a falta de oportunidades para que as grandes massas de pobres rurais possam elas mesmas transformar seus problemas em soluções. Assim sendo e considerando que o debilitado e descapitalizado Estado tampouco pode fazê-lo pela via paternalista, **a grande solução** consistiria em que os governos lhes proporcionassem **o que mais necessitam** (conhecimentos) como a melhor, mais realista e mais eficaz alternativa para que eles diminuíssem sua dependência do **que menos têm** (recursos materiais). O Estado **não** necessitaria oferecer-lhes estes últimos se lhes proporcionasse os primeiros. A distância que separa os ricos dos pobres, mais que de ordem material é de natureza intelectual, entre os que sabem e os que **não** sabem. A ignorância está anulando todos os esforços que os governos fazem para promover o desenvolvimento e está destruindo as bases da sociedade moderna, no desemprego, no vício e na delinqüência.

Uma reflexão final

Enquanto não se forme e não se capacite um **novo** cidadão rural com conhecimentos e atitudes que lhe permitam encarregar-se da solução de seus próprios problemas, de pouco servirão os grandes volumes de crédito, subsídios, obras de infraestrutura, tecnologias de ponta e insumos de alto rendimento que o Estado tente oferecer-lhes. Nenhum destes desejados ou desejáveis fatores materiais será suficiente nem eficaz se, prévio a isto, não se preparar e capacitar à família rural para que SAIBA, QUEIRA e POSSA desenvolver-se, com o fruto de seu próprio esforço e sua própria capacidade.

Na América Latina existem muitíssimos exemplos de projetos de desenvolvimento agrícola e rural que demandaram enormes recursos e imensos esforços dos governos e da sociedade, porém que não produziram os resultados esperados, exatamente por **subestimar a importância do fator conhecimento**. Não temos o direito de continuar ignorando estes exemplos e reiterando este gravíssimo erro, porque enquanto ele persista será virtualmente **impossível** atingir a equidade, a rentabilidade e a competitividade na agricultura latinoamericana.

É necessário e urgente outorgar aos serviços de extensão e às escolas rurais o de 1º grau o status e o prestígio que merecem e estimular aos extensionistas locais e professores rurais para que, além de atuar em conjunto, sejam **eles mesmos** os principais atores das mudanças necessárias. Da eficiência e da **conjugação de esforços de ambas instituições** dependem em grande parte o futuro dos agricultores e da agricultura latino-americana os que estão asfixiados; não tanto pela falta de recursos senão especialmente de conhecimentos.

Valeria a pena experimentar esta saudável conjugação de esforços. Não necessariamente através de grandes, rígidos e complexos projetos de âmbito nacional (de cima para baixo), senão através de pequenas e flexíveis experiências piloto de âmbito municipal ou comunitário, a partir das quais (de baixo para cima) as agências locais de extensão rural e as escolas de 1º grau poderiam ajudar-se mutuamente para a formação desta **nova geração de habitantes rurais** desejosos e capazes de promover o seu auto-desenvolvimento.

E para concluir, uma reflexão do filósofo e político romano Lucius Annaeus Seneca (4AC - 65DC): Será que não nos atrevemos porque as coisas são difíceis ou será que são difíceis porque não nos atrevemos?.

Página Web de Polan Lacki : <http://www.polanlacki.com.br>